

Saúde no Rio perde Cr\$ 20 bilhões por mês

■ Superfaturamento de materiais hospitalares revela que desvio de verbas estaduais é prática rotineira na atual administração

João Cerqueira

DULCE JANNOTTI

As irregularidades do sistema de saúde do Rio causam um rombo mensal de pelo menos Cr\$ 20 bilhões mensais, conforme denunciaram a Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa e o Sindicato dos Médicos, que comprovaram compras superfaturadas da Secretaria Estadual de Saúde. Com a maior rede pública de saúde do país e com serviços especializados, que já foram referência para tratamento de pacientes até do exterior, o Rio tinha tudo para ser o paraíso da saúde do Brasil.

De posse das faturas de compra de materiais hospitalares requisitadas pela Alerj à Secretaria Estadual de Saúde, a reportagem do **JORNAL DO BRASIL**, acompanhada do secretário-geral do Sindicato dos Médicos, Jorge Darze, percorreu alguns dos endereços das firmas que fornecem produtos à rede hospitalar da Secretaria Estadual de Saúde e constatou uma realidade que deveria ser objeto de inquérito policial: empresas fantasmas, endereços que nunca foram ocupados e locais sinistros.

As evidências de malversação de verbas são claras. Comparando os preços das faturas de nove empresas que em junho venderam materiais a vários hospitais estaduais, com as compras feitas no mesmo mês pelo Hospital Universitário Pedro Ernesto constata-se o gritante superfaturamento. Todas as compras, envolvendo milhões, foram realizadas com pagamento mediante entrega.

O secretário estadual de Saúde, Luis Orlando Cadorna, que chegou a dizer que as faturas apresentadas pela Comissão de Saúde da Alerj eram falsas, admitiu o superfaturamento na última quarta-feira, ao ser sabatinado na Alerj. Mas, segundo ele, o estado de calamidade da saúde no Rio é decorrente de falta de recursos repassados pelo governo federal. "Não há um estudo para se ter a real dimensão dos gastos públicos de saúde, porque há inúmeras fontes que facilitam a corrupção e não foram debeladas. Antes de se estabelecer aumentos dos repasses temos que fechar o fundo do saco da corrupção", disse Jorge Darze.



O Hospital Vargem Alegre não tem recursos, mas comprou 7,5 toneladas de pão de fôrma